

Atletas lagoenses conquistam 15 medalhas no Open de Judo da Lagoa

▪ Judocas do clube Judolag arrecadaram cinco medalhas de ouro, duas de prata e oito de bronze na prova que decorreu na Secundária de Lagoa ▪ [Pág. 3](#)

Treinador de patinagem artística acompanha atleta desde os dois anos e meio de idade

▪ [Pág. 8](#)



Diário da Lagoa completou nove anos e entrevistou um leitor assíduo do jornal ▪ [Pág. 2](#)

Festival de Cantorias ao Desafio supera edições anteriores ▪ [Pág. 3](#)

**VISITE O NOSSO SITE
E LEIA NOTÍCIAS QUE CONTAM**

WWW.DIARIODALAGOA.PT



Octávio Lima: um lagoense que nasceu rodeado de músicos

O Diário da Lagoa acabou de completar nove anos no passado dia 21 de fevereiro. Fomos conhecer a história de vida de um dos leitores mais assíduos do jornal

■ Por Clife Botelho

Octávio Lima, 69 anos, nasceu rodeado de músicos e pintores. O pai, Horácio Lima, violinista, o avô, João Octávio Lima tocava órgão, contrabaixo, violoncelo e flauta transversal. A madrinha, Julieta Natália Ferreira, conhecida organista, dedicou-se durante décadas ao grupo Coral de Nossa Senhora da Conceição da Matriz de Lagoa. A prima, Brígida Natália Ferreira, é professora no conservatório de Ponta Delgada e Octávio Lima recorda-se ainda de um sobrinho do avô, João Pereira, que tocava violino e de um primo, também emigrado, Arnaldo Macedo, também violinista. Ele próprio tocou violino, piano, contrabaixo e violão.

Ainda antes da revolução de abril, deixou a Lagoa, em 71 e foi estudar para Coimbra, regressando à Lagoa, todos os anos, de barco, uma viagem que demorava mais de dois dias, se fosse direto. Mas nem sempre o era e, parando na Madeira ou no Faial, eram quatro a cinco dias de viagem.

É um dos leitores mais assíduos do Diário da Lagoa (DL). Quisemos conhecer a sua história de vida.

DL: Foi difícil para um jovem na altura sair da Lagoa rumo a Coimbra, ainda por cima de barco?

Era muito chato porque chegávamos a Alcântara e depois tínhamos que ir a pé ou então de Táxi. Eu fiz umas duas vezes a pé, até Santa Apolónia para tomarmos o comboio que não sabíamos a que horas era. Era o próximo que houvesse para Coimbra. Na altura eram quatro a seis horas, não me lembro bem já.

DL: E em Coimbra como foi? Fiz a licenciatura antiga, cinco



■ Octávio Lima deixou a Lagoa em 1971 e atualmente vive em Espinho mas não esquece a sua terra

anos seguidos e tudo direitinho. Tinha um quarto que me foi arranjado pelo José Leite Bettencourt. Ele estava em medicina e já estava avançado, era mais velho que eu.

DL: Formou-se em que área?

Germânicas. Eu tinha uma bolsa de estudo na altura da Junta Autónoma de Ponta Delgada. Era algo que se dava a todos os alunos que tinham pelo menos 14 de média no final do ano. Lembro-me que as primeiras bolsas eram de 1.500 escudos, sendo que 500 escudos era só para pagar o quarto. Os mil eram para a cantina, para os livros, para um ou outro café que já não me recordo quanto custava, mas era assim. Era uma vida apertada, sempre tudo muito controlado.

DL: E voltava com que frequência?

No verão ia sempre passar as férias com os meus avós e os meus pais e ajudava no que era para ajudar. O meu avô tomava conta de um terreno e também o ajudava às vezes na oficina. Nas horas vagas, ele fazia violões, bandolins e guitarras.

DL: Foi aí que começou a ligação à música?

Comecei aos seis anos e mantive sempre, até acabar a licenciatura. Depois fui abandonando. A minha madrinha ensinou-me logo solfejo, aos cinco ou seis anos e tínhamos todos os dias uma lição de solfejo, e aprendi música com ela. Depois, aos sete anos, o meu pai começou-

-me a ensinar violino, um violino pequenino, o violino de três quartos. O meu pai era muito rigoroso e às vezes agressivo para a posição da mão esquerda e o arco e a posição da arcada. Até ir para Coimbra em, 71, toquei com o meu pai e o meu avô pelas igrejas da costa sul. Se não era em festas, era em casamentos.

DL: Tem saudades desse tempo?

Nem por isso, era tudo muito aperreado. Não me deixavam andar assim facilmente. Exceto numa altura em que fiz parte de uma aventura de Teatro com o saudoso Dr. Armando Medeiros que era meu professor e deixou muitas saudades no antigo liceu, agora escola secundária Antero Quental. Foi uma aventura de Teatro, «O Crime da Aldeia Velha» foi levado à cena no Teatro Micaelense com apenas 12 espetáculos. Eu era um simples figurante. Nessa altura deram-me alguma liberdade para chegar a casa mais tarde. Eu não tinha carro, o meu pai não tinha carro na altura. Mas o neto de um senhor que era muito amigo do meu avô, da família dos Motas, tinha uma mercearia

atrás da igreja do Rosário, na esquina. E o neto dele era meu colega em algumas disciplinas. Ele é que me dava boleia na furgoneta sanduiche Volkswagen.

DL: Depois ficou pelo continente?

Depois comecei a dar aulas em Águeda onde estive três anos, entre 75 e 77. Fiz o estágio nos Açores em duas escolas. Na escola Industrial de Angra do Heroísmo e acabei o estágio na Domingos Rebelo, depois disso vim para o continente porque entretanto tinha casado, a minha mulher é do Porto.

DL: Quem é de cá e está fora, como e mantém a ligação com a Lagoa?

É através da família e com os amigos. No início eram cartas, o telefone era caríssimo e nem toda a gente tinha telefone.

DL: Como vê os tempos atuais? No meu tempo a gente para namorar, para dar um beijo ou um abraço era um caso sério. Éramos muito aperreados e reprimidos. As escolas primárias eram para meninas e para meninos, separadas. Aqui no continente por questões de logística havia escolas mistas,

mas as meninas eram à frente e os rapazes atrás. Só no meu terceiro ou quarto ano no liceu é que apanhei turmas mistas e eram seis ou sete meninas à frente. Não metíamos conversa com elas e elas não nos passavam cartão. O recreio do liceu tinha uns muros altíssimos, tem aquele portão grande e as raparigas entravam do lado direito. O portão dos rapazes e dos professores e professoras era aquele para o lado da igreja. Penso que na altura era difícil para os jovens, por haver repressão e censura, com toda a gente a puxar para o mesmo lado, nas famílias, na igreja, os professores, em todo o lado. Agora é tudo diferente. Mas quem sou eu para dizer se agora é melhor ou pior? Se fosse hoje não sei como seria.

DL: Os Açores são tema de conversa à mesa entre a família?

São, muitas vezes. O meu neto às vezes diz: “já estive em Chaves e não sei onde e em Espanha. Aos Açores também quero ir”. Ele tem curiosidade e aponta no mapa. Ele sabe onde é. Começo a pensar e já há oito anos que não vou a São Miguel.

DL: Apesar de ter ido jovem para o continente, não se esquece dos sítios.

Eu não me esqueço dos sítios e não me esqueço das pessoas ligadas aos sítios e das atividades que eu fazia ou via fazer relativamente aos sítios. Lembro-me, por exemplo, que nas traseiras da igreja do Rosário havia um senhor chamado Lima — que não tinha nada que ver com o meu avô Lima — mas que era marceneiro e fazia piões. Era em frente ao Malassada. Era um tanoeiro e havia o alambique dele também, lembro-me disso tudo.

DL: É um dos nossos leitores mais assíduos, mesmo à distância. Estando longe, como é que descobriu o Diário da Lagoa?

Foi na Lagoa. Fui sempre regularmente à Lagoa, nunca perdi contacto. Um dos pontos onde encontrava sempre pessoas conhecidas era no café Senhora da Graça e no Republik Bar. E, depois, no online encontrei e subscrevi. ■



■ João Octávio Lima (à esq.) com Octávio (ao meio) e Horácio Lima (à dir.) em agosto de 1986

Judolag conquista 15 medalhas no Open de Judo

Prova aconteceu na Secundária de Lagoa e permitiu ao clube lagoense brilhar entre os demais clubes da região

■ Por Clífe Botelho

Trata-se de uma prova de âmbito nacional aberta a todos os clubes que queiram participar. Foi nos dias 18 e 19 de fevereiro que o pavilhão da Escola Secundária de Lagoa acolheu o Open de Judo que contou com a presença de cerca de uma centena de atletas em representação dos diversos clubes regionais. Os atletas do Judolag estiveram em destaque ao conquistarem quinze medalhas nas várias categorias. Participando com dezoito atletas, o Judolag conquistou cinco medalhas de ouro, duas de prata e oito de bronze, resultados que confirmam o crescimento que a modalidade tem vindo a conhecer na Lagoa, enriquecendo o palmarés do clube lagoense. Bruno França, responsável e



■ Atletas do Judolag conquistaram cinco medalhas de ouro, duas de prata e oito de bronze

treinador no clube lagoense, ao Diário da Lagoa (DL) diz que “não existe segredo” para alcançar as medalhas e que “tudo é trabalho, dedicação e empenho”, que envolve os judocas. “São os primeiros a querer alcançar um pódio”, diz o técnico, mas os treinadores e equipa técnica têm de estar preparados e disponíveis para “ajudar os atletas a atingir os seus objetivos”, assim como os pais e familiares para dar o “suporte essencial para as longas horas semanais de treino”. Quanto ao balanço do evento, o treinador diz que “correu muito

bem, a prova serve de controlo para outras provas do calendário regional e nacional. Há sempre aspetos a melhorar e estamos em constante busca de aperfeiçoamento”, assegura. Organizado pelo Judolag, em parceria com a Associação de Judo dos Açores, contando com o apoio da câmara municipal da Lagoa, este foi o primeiro evento do ano incluído no projeto especial centros de treino, apoiado pela direção regional do Desporto, tendo decorrido, após este momento competitivo, um estágio de preparação para juniores.

Esta foi a terceira edição do Open de Judo, tendo a primeira acontecido em 2019. Esta edição contou com um treinador de alto rendimento que também proporciona uma formação de treinadores. Segundo Bruno França, conseguiu-se, assim, trazer “uma atividade com alguma envergadura” com “enorme retorno para a região em geral, mas principalmente para a cidade da Lagoa” que teve um feedback “muito positivo não só da parte dos atletas, mas também de treinadores, pais e todos os amantes

do desporto”.

Após o Open, teve lugar o estágio, que é um momento, não só de treino intenso, mas também de partilha e convívio entre os participantes que vieram de todos os clubes com classe de competição dos Açores. Bruno França lembra que “apesar de sermos adversários, somos também parceiros na nossa evolução técnica e tática, aliados ao estreitamento de laços de amizade entre todos”.

MEDALHADOS

6 Ouros: Martim Pacheco -46 kg Juvenis; - Afonso Rodrigues -66 kg Juvenis; - Mateus Araújo - 81 kg juvenis; Matias Sanfona -50 kg cadetes; Frederico Vital -81 kg cadetes; Samuel Sanfona -60 kg Juniores.
2 Pratas: Tomás França -46 kg juvenis, Alice Umbelino -40 kg juvenis.
7 Bronzes: Maria Castanheira -40 kg juvenis; - Pedro Sousa -46 kg juvenis; - Guilherme Barreiros - 66 kg juvenis; - Daniel Calado -50 kg cadetes; - Rafael Medeiros -55 kg cadetes; - Gonçalo Teixeira -60 kg Cadetes; - Miguel Eleutério -81kg cadetes.

Cultura

Festival de Cantorias ao desafio com cerca de mil espetadores

Evento decorreu de 10 a 12 de fevereiro no Pavilhão Professor Jorge Amaral, no lugar dos Remédios, Santa Cruz, Lagoa, e contou com cerca de mil espetadores

■ Por Clífe Botelho

Depois de uma pausa imposta pela pandemia, o festival mais famoso do lugar dos Remédios voltou a realizar-se e numa nova casa: o novo pavilhão Professor Jorge Amaral. Decorreu no fim de semana de 10 a 12 de fevereiro a 17ª edição do Festival de Cantorias ao Desafio, e foi, como habitualmente promovido pela Associação Cultural e Recreativa dos Remédios,



■ Festival contou com a participação de cantadores das ilhas de São Miguel, Terceira e de São Jorge

com o apoio da câmara municipal da Lagoa e da junta de freguesia de Santa Cruz. Ao Diário da Lagoa (DL), o responsável pela organização, José Raúl Medeiros, diz que “o festival este ano foi muito diferente dos outros anos, em questão do número de pessoas que apare-

ceram” uma vez que “apesar de não termos tido cantadores de fora [da comunidade de emigrantes açorianos na diáspora], tivemos muito mais gente este ano do que, por exemplo, na edição anterior”. Questionado sobre qual o motivo, José Raul diz que não sabe

ao certo “se foi devido agora termos o pavilhão, porque foi muito bom. E foi muito bom quer para as pessoas que vieram, quer para nós que organizamos e trabalhamos no local, foi tudo mais fácil”. O responsável realça que “só no primeiro dia, tivemos quase o mesmo número de pessoas do total dos três dias juntos de outros anos, portanto, só no primeiro dia à volta de 500 pessoas”. O festival contou com a participação de cantadores das ilhas de São Miguel, como Bruno Botelho e Paulo Miranda, da Terceira, José Eliseu, Fábio Ourique e Roberto Toledo, e de São Jorge, Bruno Oliveira. Foram acompanhados pelos tocadores Fernando Silva e Marco Silva e Renato, Cordeiro e Toni Silva. O festival começou na noite do dia 10, pelas 19h30, tendo na abertura a atuação da dupla Pe-

dro e Cátia. O início das cantorias ao desafio ocorreu depois das 21h00. No dia 11 de fevereiro, o evento começou pelas 20h00, com a atuação da artista Mafalda Botelho, neta de José Raúl, seguida do festival de cantorias ao desafio que se prolongou pela noite dentro, com muita música e animação. No dia 12, domingo, pelas 20h00, foi a vez da atuação do Grupo «Tradições dos Remédios», tendo seguido-se o festival de cantorias ao desafio, cujo encerramento aconteceu pela meia-noite. Durante os três dias de festival, a organização teve à disponibilidade do público gastronomia tradicional, como torresmos, inhames, morcela, chouriço, pão de milho, feijoada, favas guisadas, fava-rica e as tradicionais malasadas, arroz-doce e diversos bolos caseiros.

BIOCALCE MuroSeco

BIOCALCE® MUROSECO
REABILITAÇÃO DE PAREDES
HÚMIDAS E SALINAS




Biocalce® MuroSeco:
simplicidade e segurança para
a **solução definitiva** da
humidade capilar
em paredes.

KERAKOLL
The GreenBuilding Company

Costa Pereira e Filhos, Lda.
materiais de construção

Tel: 296 960 200 - www.costapereira.pt



AutoCentral

ESTRADA DOS PORTÕES VERMELHOS 20
9560-450 ROSÁRIO - LAGOA

NOVAS INSTALAÇÕES

Mecânica - Mudanças de Óleo - Revisões Gerais Eletrecidade
Baterias - Carroçaria - Chapa - Pintura Alinhamento
Substituição Vidros e Pára-Brisas

ORÇAMENTOS GRÁTIS

REBOQUE 24H




Telf: 296 960 170 / 96 250 40 65 - autoccentral@hotmail.com



RESTAURANTE DA ASSOCIAÇÃO AGRÍCOLA

Faça já a sua RESERVA



RESERVAS POR TELEFONE

[f](https://www.facebook.com/RESTAURANTEAASM) [i](https://www.instagram.com/RESTAURANTEAASM) /RESTAURANTEAASM
WWW.RESTAURANTEAASM.COM

296 490 001 / 925 248 307 / 926 385 995

ABERTO TODOS OS DIAS
12:00 ÀS 22:00

EXPOSIÇÃO

FÁBRICA DO ÁLCOOL DA LAGOA

Apontamentos fotográficos

Fotografias do arquivo da SINAGA/Câmara Municipal de Lagoa e de Marcelo Borges

MOSTRA EXPOSITIVA
INTERPRETAÇÃO DE OBRAS
DA HISTÓRIA DA ARTE
PELO BONECREIRO ARTESÃO
JOÃO ARRUDA

Interpretação da obra *As respigadoras* (1857) de Millet
2022 | 14x17,18 cm | Museu de Lagoa

7 MARÇO A 28 ABRIL 2023
CASA DA CULTURA CARLOS CÉSAR - LAGOA

Segunda a quinta-feira: 08h30-12h00 / 12h45-17h00

Sexta-feira: 08h30-12h30



“Se não houvesse luz, não havia objetos, não daríamos por tridimensionalidades na nossa vida”

Filipe Franco nasceu em Ponta Delgada, na ilha de São Miguel, em 1961. “Desde sempre” que se sente artista, tendo vivido em Lisboa “alguns anos” para depois voltar “à sua terra para desenvolver e aprofundar o seu trabalho”

■ Por Clife Botelho

Filipe Franco identifica-se como “um açoriano nascido em Ponta Delgada, em 61, que viveu alguns anos em Lisboa e depois voltou à sua terra com o intuito de desenvolver e aprofundar o seu trabalho”. É assim que se descreve ao Diário da Lagoa (DL). Diz, sem hesitar, que “desde sempre” se sentiu artista. Em Lisboa, formou-se em Artes Plásticas e deu aulas na Academia das Artes. No regresso a São Miguel conta que começou a desenvolver “uma série de ideias, a partir da ilha e dos Açores, nas suas vertentes físicas” que considera fundamental.

Já deu aulas no concelho da Lagoa e na vila de Rabo de Peixe. Confessa que seria “muito difícil” dedicar-se só às artes, por isso ao longo dos anos tem procurado “desenvolver atividades paralelas” relacionadas com a sua atividade-mãe, “principalmente ao nível de decoração ou arquitetura de interiores”, conta.

Assegura que na arquitetura vê a sua “preocupação central posta nos trabalhos desenvolvidos”, pois quando trabalha, fá-lo de “uma forma tridimensional”.

Questionado como vê a ilha ao nível arquitetónico, remata que “enquanto terra, espaço e luz” tem vindo a desenvolver a capacidade de colocar esses trabalhos a invadirem o espaço e



■ “O Lugar da Luz”, exposição de Filipe Franco está patente no salão nobre do convento de Santo António, em Santa Cruz, Lagoa, até ao dia 17 de março

assim comprometer o espetador ou quem convive com eles. Mas, realça que “aqui nos Açores a luz é muito inconstante e muito irregular”. Por outro lado, interessa-se por desenvolver a capacidade de pôr o trabalho a funcionar “como um relógio de sol” e marcar momentos consoante a luz ambiente.

Filipe Franco é o nome por detrás da exposição “O Lugar da Luz” patente até 17 de março no convento de Santo António, em Santa Cruz, Lagoa. Insere-se numa estratégia de comunicação de expressões artísticas promovidas pela câmara da Lagoa com vista à valorização do trabalho de artistas regionais. Ao público o trabalho do artista micalense apresenta-se com elementos tridimensionais (baixos-relevos), tomando como ponto de partida a luz, onde estrutura uma narrativa que se apoia na trilogia “matéria”, “luz” e “espaço”.

“O LUGAR DE LUZ” FOI DESENVOLVIDO DURANTE DOIS ANOS

Nas últimas quase três décadas, o processo criativo de Filipe Franco tem-se inspirado nas características físicas, químicas e meteorológicas dos Açores, aprofundando áreas muito

específicas em termos visuais.

Os doze trabalhos que poderão ser vistos na exposição “O Lugar da Luz” foram realizados entre 2020 e 2022 e interagem com o público através da luz.

Nesta exposição o artista micalense diz que aborda o espaço e a luz, usando uma terceira vertente, que seria a matéria, isto é, a cal. Um elemento que para além de reforçar a luz e congelar a luz, devolve-a ao espetador. E confessa que remete para “um imaginário poético” do seu passado: “tem um bocado a ver com as casas dos meus avós, em que era tudo caiado”, conta.

“Uma das preocupações que eu tive quando cheguei cá em relação à tal arquitetura da ilha foi descobri-la e aprofundá-la. E isso foi baseado em uma série de passeios nos quais fui de alguma maneira prestando atenção ao que andava à minha roda. E foi a partir daí que desenvolvi esta trilogia de valores, portanto, matéria, espaço e luz”.

Quanto ao facto de trabalhar com a luz, Filipe diz que é “muito difícil porque é inconstante” e não pode ser dominada. E que isso o fascina porque de-

pende do “gosto de cada um de nós”.

Em relação ao relevo refere que resulta da altura em que começou “a pensar como é que poderia catalisar a luz” e diz que “se não houvesse luz, não havia objetos, não daríamos por tridimensionalidades na nossa vida. É um bocado como o cheiro, se não tivéssemos cheiro uma grande vertente das nossas memórias e sensibilidades desapareciam. No caso da luz, é impossível falar-se da luz sem sombreamentos e sem o claro e o escuro”.

Quanto a projeto futuros, revela que tem uma exposição no museu de Angra do Heroísmo, na ilha Terceira, a partir de outubro e depois terá outra em 2024 no museu Carlos Machado, em Ponta Delgada. Com o título de “Ao Longo do Olhar”, a mostra vai integrar os trabalhos expostos na Lagoa sob uma nova roupagem. A ideia é ter mais a ver com a arquitetura e com o espaço, em vez de ser com a luz.

O DL aproveitou para perguntar ao artista como encara a cultura nos tempos que correm e como olha para ela nos Açores. Prontamente diz “com alguma preocupação” porque entende

que “não há uma política cultural nos Açores, desde há muito tempo. “Desde o início da Autonomia” e que “não temos tido uma estratégia coerente e uma visão coerente no papel que a cultura poderia desempenhar no desenvolvimento dos Açores”, diz. O artista afirma que a esse respeito os governantes deviam “pôr de lado um pouco as politiquices e escolher as pessoas certas para os lugares”.

Enquanto artista plástico diz que se trata de uma arte individual e solitária e que a política preocupa-se “mais com os grupos, com as associações, talvez porque dão mais votos, do que propriamente com atividades isoladas ou solitárias”. O futuro, vê com “alguma apreensão” porque desse modo “vamos continuar a perder oportunidades”.

Por último, quanto às Artes Plásticas considera que “não são um caso isolado no mundo que as rodeia, são mais uma vertente daquilo que as rodeia”. “As pessoas devem procurar entender as Artes Plásticas como algo que pode conviver diariamente com elas, de maneira a melhorar a sua qualidade de vida”. ■

Fazer contas à habitação

A Santíssima Trindade do Estado Social – a saúde, a educação e a habitação –, são os principais pilares de qualquer sociedade dita democrática. Sem estes, todos igualmente importantes, não é possível uma qualidade de vida digna. Porém, durante os últimos anos, o nosso governo tem feito malabarismo, esquecendo-se de um destes: a habitação. Recentemente, este tema tem sido polémico, ora pela falta de ação do Estado, ora pela crítica às suas medidas quando este finalmente atua. O atual panorama, quer de compra, quer de arrendamento, é insustentável. Vamos fazer contas (com valores brutos regionais, o que, per si, já é assustador). Numa pesquisa

recente, procurei por um T1 para arrendar na ilha de São Miguel, uma pesquisa simples sem preferência pela localização: uma habitação (casa ou apartamento) com um quarto. Os resultados que encontrei foram chocantes. Um T1 que já viu melhores dias, em zona periférica (entenda-se como longe do centro de qualquer cidade da ilha), rondava os 800 euros. Numa região com o ordenado mínimo de 798 euros, ter um teto rouba 100% do salário, com atenção aos dois euros que se fica a dever ao senhorio. No restante mês vive-se do ar. Numa região cujo jovens dependem de programas de estágio, com o Estágio L a pagar atualmente cerca de 997,50 euros, ter

um teto rouba 80% do salário. Este é o preço da independência. Para uma família com filhos, que certamente precisará de um T2 ou T3, os valores chegam aos 1.200 euros. Com dois ordenados mínimos, 1.596 euros, ter um teto rouba 75% dos rendimentos do casal. Restam 396 euros para sobrevivência, com filhos. Em famílias monoparentais o resultado é negativo, não precisamos de calculadora. Contas feitas, de qualquer perspetiva, mesmo que se considere o salário médio bruto (nos Açores um dos mais baixos do país e, segundo o INE, em 2019, a rondar os 801 euros), o peso numa renda é inconcebível. Alguns leitores podem retorquir: “mas existem

casas mais baratas, eu já vi”; “basta procurar melhor”; “é melhor comprar do que arrendar”. Digo-lhes: a exceção não é a regra. Uma prestação do crédito à habitação fica efetivamente mais barato (se ignorarmos as subidas de juro), mas, enquanto se paga uma renda exorbitante, poupar para comprar uma casa é impossível. Relevante ainda pensar nas taxas de esforço avaliadas pelas entidades de crédito, que geralmente entre 35 e 40% já são consideradas elevadas. Para estas entidades, a prestação de uma casa não deve ter um peso elevado perante os rendimentos obtidos... o mesmo não se aplica ao mercado de arrendamento. Restam os anexos, as casas boloren-

tas e húmidas, verdadeiros ataques à saúde pública, e a famosa casa dos pais. Este panorama destrona a falácia de que “basta trabalhar para viver bem”. Chegamos ao ponto onde, quem trabalha, não tem um teto digno. Ou pior, quem trabalha, tem de escolher entre comer, ou pagar a renda, ou as restantes despesas. Se pensarmos nos pensionistas e noutras situações não incluídas nos valores supramencionados... é verdadeiramente desesperador perceber como estas pessoas (sobre)vivem. Novos e velhos fazem contas à vida, novos e velhos fazem contas à habitação.



■ Por Rita de Sousa Pereira
Mestranda em Gestão
e Planeamento em Turismo

A violência do patriarcado nos direitos femininos

O patriarcado consiste num sistema social antigo, profundamente enraizado, cujo intuito é favorecer, com naturalidade, as pessoas do sexo masculino, particularmente brancas, cisgénero e heterossexuais, portanto, o homem padrão da nossa sociedade.

A palavra resulta da junção dos vocábulos pai e ordem, remetendo, automaticamente, o imaginário para a noção de “bom pai de família” enquanto decisor autocrata sobre todos os assuntos dos elementos familiares, sobretudo, do sexo feminino.

O patriarcado manifesta-se, de forma mais veemente, na necessidade de governar a vida e corpo das pessoas do sexo feminino. Estes comportamentos exteriorizam-se, principalmente, no controlo económico, profis-

sional, papéis de género, expressão verbal, culminando em atos de violência: violência emocional, psicológica, física, sexual e económica.

Essa visão sexista coloca as pessoas do sexo feminino numa relação de subjugação ao sexo masculino, enquanto ser superior, menosprezando as pessoas do sexo feminino.

Essa conceção, na base da misoginia, remonta à ideia padrão da Grécia antiga em que a “mãe apenas recebia e germinava a semente do pai”.

A repulsa às pessoas do sexo feminino está, intimamente, ligada à violência exercida contra pessoas do sexo feminino, exteriorizando-se nos fenómenos da violência doméstica, feminicídio, mutilação genital, assédio sexual, discriminação

laboral, agressões sexuais, entre outras configurações da violência de género.

Não devendo esquecer-se a crise que o direito à Interrupção Voluntária da Gravidez (IVG) atravessa, fruto da necessidade de controlar a liberdade decisória feminina e respetiva saúde.

Só em 2007, após três décadas de luta, se descriminalizou a IVG até às 10 semanas - o aborto deixava de ser crime através da Lei n.º 16/2007, de 17 de abril. Este marco permitiu que as pessoas do sexo feminino decidissem livremente sobre a sua reprodução e o seu corpo. Um sinal de progresso na saúde e liberdade femininas, pelo menos em teoria. No decorrer do último mês de fevereiro chegaram a público denúncias da existência de dificuldades no

exercício desse direito junto do Serviço Nacional de Saúde. Do teor das denúncias se extrai que há interesse em colocar entraves ao seu exercício, especialmente, por quem se arroga pró-vida e acha que deve substituir a própria pessoa, decidindo, ainda que oficiosamente, sobre um corpo e saúde que não lhe pertence.

Quantos profissionais de saúde são contratados pelo serviço público de saúde para realizar IVG's, cumprindo o que manda a lei, e depois alegam objeção de consciência para não realizar o procedimento para o qual foram contratados?

Em resultado dessa objeção, a pessoa que pretende recorrer à IVG tem de esperar semanas para ter uma consulta ou realizar o procedimento, ou ter de apanhar um

avião, expondo-se a juízos de valor, sentindo-se humilhada e desprezada.

Ora, também no passado mês de fevereiro, Espanha aprovou uma lei que obriga os profissionais de saúde a declararem, por escrito, se são ou não objetores de consciência, sendo a declaração válida para todos os serviços de saúde, e têm de existir profissionais disponíveis nos hospitais públicos que permitam o acesso à IVG na área de residência da pessoa que pretende recorrer a esse procedimento.

Quantas foram impedidas de abortar devido à falta de fiscalização? O aborto está a servir a eutanásia demonstrando a ineficácia da lei e do serviço de saúde?

Obstaculizar o aborto é definir o patriarcado.



■ Por Maria Chaves Martins
Licenciada em Direito

Atleta e treinador do Clube de Patinagem de Santa Cruz ambicionam novas conquistas

No mês em que o clube completa três décadas de vida, o DL falou com o treinador, Geraldo Andrade bem como com Rafael Costa, bicampeão nacional de patinagem artística atleta do clube desde os dois anos e meio

■ Por Clife Botelho

Com 30 anos de carreira, primeiro enquanto patinador e depois como treinador, o técnico do Clube de Patinagem Artística de Santa Cruz (CPSC), Geraldo Andrade é também selecionador nacional da Federação Portuguesa de Patinagem, na equipa de cadetes e juvenis.

O técnico lagoense não esconde que os últimos três anos foram difíceis. “Primeiro com a pandemia, foi mau para todos. Perdemos a iniciação toda, as crianças ficaram paradas, mas, em 2021 ficamos sem pavilhão o ano todo. Não tínhamos treinos, eu ficava a aguardar que clubes cancelassem treinos ou que fossem viajar e deixassem a sexta-feira vaga para nós podermos treinar”, relembra. A situação para o clube lagoense só melhora ligeiramente em 2022. “No ano passado já começámos a fazer treinos regulares só que a pista estava quase sempre muito escorregadia devido ao piso ser novo. Este ano de 2023 é aquele que estou a dizer que vou dar tudo”, garante.

Apesar de todas as dificuldades, o clube, através de atletas como, por exemplo, Rafael Costa, conseguiu importantes conquistas. Geraldo Andrade reconhece mérito a todos os atletas que “continuaram a trabalhar em 2021 em outros pavilhões, em horas tardias” e que apesar de tudo “estão no clube até hoje”. Geraldo salienta que “são atletas com muito valor, porque sempre acreditaram”.

Quanto a Rafael, o treinador diz que se destacou porque “é um miúdo que trabalha e trabalhou muito”. Tal deve-se ao facto de ter acreditado, sem hesitar, no seu trabalho e que tem o suporte dos “pais, treinador, clube, câmara municipal e os próprios colegas”, assegurando que “isso



■ Geraldo além de treinador do CPSC é também selecionador nacional

tudo ajuda”.

“TREINEI COMO UM LEÃO”

Rafael Costa vive no Rosário, na Lagoa, e tem 11 anos. Desde os dois anos e meio de idade que está ligado ao CPSC. Durante os oito anos que tem de prática conquistou por duas vezes consecutivas o título nacional de campeão de patinagem artística. Foi ainda pré-convocado para integrar a Seleção Nacional e representar Portugal na Taça da Europa de Patinagem Artística. Só não treina ao domingo. E diz com orgulho: “nunca desisti do meu clube”.

Ao Diário da Lagoa (DL) conta que a sua evolução se tornou evidente quando apareceu “com mais garra e com mais vontade”, ao ganhar o primeiro título, sendo que no segundo ano repetiu o feito sem grande dificuldade.

Rafael conta que se sentiu feliz e confessa que “um bocadinho nervoso porque da primeira vez não foi muito o que eu esperava. Esperava muito mais ainda porque treinei como um leão e como se não houvesse começo nem fim”, diz convictamente.

“No segundo ano consegui concentrar-me mais para fazer o melhor possível. E, olhei para mim próprio e interiorizei que as medalhas não são o mais importante, por isso fui para me divertir”, conta ao DL.

Quanto ao Clube de Patinagem de Santa Cruz diz que é “uma espécie de casa onde as portas estão abertas à vinda de novas crianças dando todo o amor, carinho e felicidade, tal como nós,

que aqui estamos, damos a este clube”.

Em relação ao treinador Geraldo, atira que “é o melhor treinador que já tive na vida, foi o único que me ajudou nos momentos difíceis”. O atleta lagoense destaca também, sem hesitar, a força que os pais lhe dão, salientando que “ficam orgulhosos” e que tem “todo o apoio deles”.

O mais difícil diz Rafael “é sentir que estamos na derrota”. Mas realça que supera esses momentos através do treino e que prefere antes focar-se “em pensamentos positivos”.

Quanto à participação na Taça da Europa diz que “correu mais ou menos”, uma vez que consegue identificar “algumas falhas”. Mas garante: “não podia sentir-me derrotado, penso todos os dias em voltar a tentar”.

Questionado como consegue conciliar o estudo com o treino e competição, explica que procura “fazer as duas coisas de forma equilibrada”.

Há dias que se sente mais cansado mas a alegria em patinar dá-lhe sempre alento e motivação para “treinar os meus saltos e piões para tentar evoluir e procurar um salto diferente daqueles que já faço”. Ao DL, Rafael confessa que este ano, o seu objetivo é tentar ganhar o campeonato nacional, ir à Taça da Europa e defender o CPSC na Taça de Portugal.

É a patinar que se sente feliz revelando que sobre os patins sente a “profundidade da arte e da imaginação” e como se fosse “um guerreiro”.



■ Rafael tem como objetivo ganhar o campeonato nacional pela terceira vez

PREPARAÇÃO COMEÇA LOGO NA INICIAÇÃO

O CPSC é já uma referência com muitos atletas que por aqui passaram e se destacaram a nível regional, nacional e europeu. Geraldo Andrade diz que “só é possível porque o clube nasceu com muito carinho, com muitos apoios, com atletas que gostam de patinar e aprender”.

E recorda que treinou atletas que “tinham fome de patinar, porque queriam patinar, patinar e participar em festivais e espetáculos”. A tal fome de patinar levou-os, a meados dos anos 90, a participar em festivais por toda a ilha, “sem quaisquer condições, sem balneários, queríamos mostrar às pessoas o que era a patinagem artística. E, depois, criou-se a competição e fomos treinando. O segredo é o querer e, também, o gosto que as crianças têm de querer patinar e representar o clube, a própria cidade”.

Quanto aos atletas atuais diz que teve “urgentemente de fazer a iniciação e fazer atletas” e que se trata de um trabalho “mais aprofundado e diferente”. Agora, eles estão muito sensíveis devido a tudo o que se passou. Tenho que agarrar nestes miúdos, criar algum rigor, brincar também, sempre com algum cuidado para não desistirem da patinagem, não terem medo”. Geraldo conta que as crianças “estão com muito medo, deixaram de saber correr, deixaram de saber brincar”. Recorda uma das suas últimas formações com o professor Carlos Neto onde disse: “as crianças têm que brincar. Se houver uma árvore que eles querem trepar,

deixem trepar, se quiserem cair, que caiam porque as crianças hoje em dia nem sabem cair, têm medo de tudo”. E o treinador confirma que atualmente, as crianças “não sabem andar com as costas direitas. Tudo isto me preocupa porque vejo isso nos meus atletas, só que alguém experiente alertou-me para isso. E, realmente, ele tem toda a razão porque é aquilo que eu vejo”, assegura.

Geraldo Andrade é selecionador nacional da Federação Portuguesa de Patinagem há cerca de um ano. “Foi uma surpresa para mim e compreendi porque é que o diretor me convidou. Não aceitei de imediato porque ia criar muitos contratemplos à minha vida pessoal e como treinador. Mas ele voltou a pedir e disse que já tinha respondido “sim”, por mim, porque precisava de uma pessoa com o meu perfil. Tentei fazer o meu melhor, fui ao campeonato da Europa, fui ao campeonato do mundo e deram-me os parabéns. Disseram que estive à altura e que é para continuar, senti-me orgulho”, conta ao DL.

Quanto aos futuros atletas do clube diz que “cada criança deve experimentar várias modalidades, vários desportos e os pais devem deixar que experimentem, mas a partir do cinco a seis anos devem incentivar sempre para o mesmo. E acreditar”.

Por último diz que o facto de acompanhar os atletas dos cinco até aos 18 anos “é muito gratificante” e que se considera “um sortudo” e que todas as vitórias resultam “de muito empenho”. ■

MARCA DA QUINZENA

TOTAL PRÉMIOS 2022

43.750€

25 MARCAS

125 PRÉMIOS EM CARTÃO CONTINENTE

NO VALOR DE 350€ CADA

CONTINENTE

pessoas que nos contam

OIÇA OS NOSSOS PODCASTS

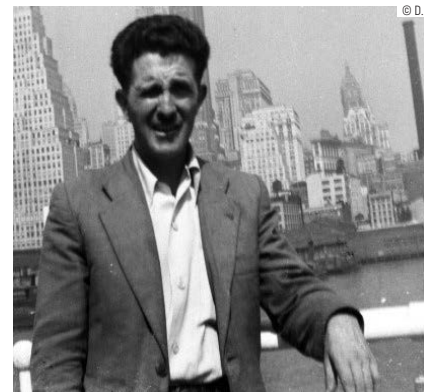
DIARIODALAGOA.PT/PODCASTS



■ Por Roberto Medeiros

Histórias da minha antiga Vila D'Água de Pau - III

“Parece A Porta Da Mulher Honrada” e a “Autoridade Sem Autoridade”



■ Água de Pau - A rua da Trindade onde funcionava a Oficina de Carpintaria do Mestre Antero e no barco regressando de Angola

Antigamente, em Água de Pau, na Travessa da Arrochela, a tia Escolástica Maria Sombrinha da Costa Prenda que era mãe da Evangelina Arrepiada, mulher do tio António Carreiro Torolé, estava sentada na soleira da sua porta, e comentou dessa maneira, uma vizinha que tinha a porta da rua sempre aberta:

– “Parece a porta da mulher honrada!” Esta expressão é muito antiga desde o tempo do antigo concelho da Vila de Água de Pau.

A “porta da mulher honrada” ficava perto da casa da tia Escolástica e era de uma prostituta que recebia os seus “fregueses”. Vigiando, abria a porta, olhava de sobrolho para os dois lados da rua e num ápice puxava o “freguês” para dentro quando ninguém passava na rua.

Ora a mulher honrada queria manifestar-se contra a vizinha, mas não entrava em “brigas nem caçadas”. Agia de forma para se demarcar da vizinha... e “deixava a sua porta aberta escancarada” todo o dia.

Por isso é que ela dizia, “a minha porta, «parece a porta da mulher honrada!», enquanto estava à sua porta sentada na soleira vendo passar as pessoas e fazendo trocadilhos com elas.

O tempo passa... Mas certas coisas não esquecem nesta terra quando se trata de duvidar também da honradez de gente que luta pela vida, não interessa qual seja a profissão. Já quase não resta ninguém para contar a história, mas é possível mergulhar no tempo e localizá-la após a revolução dos cravos de 25 de abril em 1974.

Quem não se lembra da oficina de serralharia e carpintaria do

mestre Antero Pacheco Amaral na rua da Trindade, paredes meias com a casa do sapateiro-à-porta mestre Cristiano Afonso Rocha?

Um dia estava o mestre Antero junto de uma máquina de desengrossar ou limpar madeira, empurrando com as duas mãos descompassadas meio metro uma da outra, se tanto, um barrote de criptoméria. Tinha, como sempre, a sua cigarrilha no canto da boca e, talvez por isso mantinha um olho fechado devido ao fumo, pensa-se. A chiadeira daquela máquina podia ouvir-se nas ruas próximas, mas nunca incomodou ninguém porque o povo habituou-se.

Nisso, na Praça apeou-se da camioneta do Varela, conduzida pelo José Prata da Vila Franca, um indivíduo todo vestido de preto, de chapéu, óculos e até mala, tudo da mesma cor. Tinha uma aparência de alguém, como dizemos em Água de Pau, de “lêvedo de gordo, coberto de mosca” que é como quem diz, muito magro.

A sinistra figura assim que pôs o pé no largo da praça, mirou à sua volta e ouvindo o barulho da desengrossadeira da serragem, encaminhou seus passos para lá. Ali chegando, olhou para o seu interior, reparou no mestre e entrando aproximou-se dele tocando-lhe no ombro para dar a saber da sua presença ali. Queria falar-lhe.

O mestre Antero, olhou de soslaio para o indivíduo e fez-lhe sinal que aguardasse, fazendo sinal que ia desligar a máquina primeiro para depois se ouvir melhor. A máquina ia vagarosamente reduzindo o som, enquanto o mestre Antero nem

se dignava a olhar o dito cujo senhor de preto, mantendo-se de costas. O som já havia baixado o suficiente, mas quando o homem de preto ia começar a falar, foi-lhe pedido sempre que esperasse nas duas tentativas em que ia começar a falar.

Por fim, o homem pôde falar:

– Caro senhor, eu sou fiscal do trabalho e vinha aqui para...

Mestre Antero interrompeu-lhe a conversa de forma brusca sem pejo nem demoras.

– Você vinha? Você é fiscal? Quem lhe autorizou a entrar nesta oficina? Isso aqui é meu. Passe lá para fora, já!

O homem meio atrapalhado, virou as costas, e de empurrão caminhou para fora da oficina. Do lado de fora, no passeio, virou-se para o mestre Antero, zangado, e quando ia começar a explicar o motivo da sua ação fiscal à oficina, empolgou-se todo e em tom de voz autoritária, começa assim:

– Ouça lá, eu sou um representante da autoridade e venho aqui para...

Não chegou a dizer mais nada, porque mestre Antero já de costas para o fiscal, metera a chave à porta da oficina, fechará-a e meteu-se a caminho da rua da Trindade acima a caminho de casa, respondendo entre dentes ao cavaleiro:

– Está na hora de eu ir almoçar, agora não tenho tempo.

Desapontado, mas não dado por vencido, o fiscal manteve-se colado à porta da oficina, aguardando a sua reabertura.

Uma hora depois, mestre Antero vem descendo o passeio em passo ligeiro e quem o conhecia notava a sua passagem por causa do barulho dum mancho de

chaves que se lhe pendia numa das algibeiras de trás dos alvarozes.

Quando o fiscal o viu aproximar-se predisps-se a enfrentá-lo saindo da frente da porta da oficina para que a pudessem abrir. É o abres! O mestre Antero, passou pelo fiscal como se nem o visse ali à porta da oficina e dando um passo, saiu do passeio ultrapassando o fiscal e seguindo em direção à Praça, entrando para o café do Guilherme D'Árruda.

– Ó Guilherme dá-me um café e diz-me lá se daí vês uma nuvem preta á porta da minha oficina?

– Referes-te a um indivíduo de chapéu e mala preta? Se é essa a nuvem preta, ainda paira lá!

E sem mais conversa, pede para telefonar dali para casa, para a mulher, ao que lhe concederam sem problema.

– Leonilde, ó mulher, apronta-me um saco com um par de calças, duas camisas, peúgos e cuecas e manda o Mário Jorge vir-me trazer aqui ao Guilherme D'Árruda porque vou hoje para Lisboa. Assim foi e instantes depois o carro de praça do Artur dos Reis saía da Praça de Água de Pau para o aeroporto perante os olhos incrédulos do fiscal que se dirigiu então ao café.

– Diga-me senhor, conhece o dono daquela oficina.

– Conheço sim senhor, porquê? A que carga d'águas isso lhe interessa?

– É que eu sou fiscal e vinha verificar o seu quadro de pessoal e horário de trabalho, mas ele descartou-se que só atenderia depois da hora do almoço e acabou de vê-lo entrar e partir num táxi. Sabe se ele vai voltar para a oficina?

– O senhor me desculpe a franqueza, mas o que ele me disse e repito é que “não tinha paciência para lhe sofrer”!

– Homem eu sou uma autoridade, mereço mais respeito, veja como fala.

– Não me perguntasse... e já agora, isso aqui não é nenhum posto de informações! Temos serviço de café, taberna e restaurante!

– Bom, não se zangue homem, já agora diga-me que petiscos tem o senhor para acompanhar um copo de vinho?

– Petiscos? Só figos de figueira e tremço. Mais o que é?

– Olhe se o vinho que vende aqui é como esses petiscos nem vale a pena, eu vou, mas é procurar melhor pinga e...

– Eu, se fosse a si, ia mesmo aqui, ao lado da porta, ao fontanário da praça beber água fresca para lhe refrescar a môrra (cabeça). E olhe que é de graça e corre fresca há mais de 100 anos, 24 horas por dia.

O fiscal, não sei se desiludido ou aborrecido, apanhou a camioneta do Varela e saiu de Água de Pau. Metera-se com a pessoa errada.

O mestre Antero foi politicamente evoluído. Emigrou para Angola. Ali não se adaptando regressou. No regresso o barco parou em S. Tomé e Príncipe. Encontrou Mário Soares, ali exilado. Conheceram-se quando este lhe pediu um cigarro e passadas algumas horas ganhou informação política para depois em Água de Pau os amigos pensassem que endoicera ao chamar-lhes “fascistas” antevendo uma mudança de regime. Alguns anos depois o 25 de abril confirmou as teorias de mestre Antero. ■

HORÓSCOPO

CARNEIRO



Amor: a conjuntura traz mudanças concretas e sólidas que beneficiam a sua vida sentimental. Provavelmente quer desenvolver uma relação apaixonada.

Trabalho: é um excelente momento para investir num projeto profissional. Neste sentido, supere os seus limites pessoais e reafirme as suas ambições.

TOURO



Amor: aproveite a energia protetora para quebrar rotinas que prejudicam o seu relacionamento, mas use o diálogo para elaborar planos consensuais.

Trabalho: este é um ciclo de expansão em termos laborais e o sucesso depende apenas do seu desempenho. O setor económico está bastante favorecido.

GÉMEOS



Amor: atravessa uma fase propícia para namorar com a sua cara-metade. No entanto, procure adotar uma atitude desinibida e inovadora no campo sexual.

Trabalho: os assuntos relacionados com a área financeira tendem a decorrer de acordo com as suas expectativas. Porém, mantenha uma postura confiante.

CARANGUEJO



Amor: durante este período, sente que tem a possibilidade de colocar a sua vida em ordem. Todavia, deixe as preocupações de lado e tome decisões.

Trabalho: pode surgir a oportunidade de melhorar a sua vida. Contudo, não tenha medo de tomar iniciativas que possam contribuir para a sua evolução.

LEÃO



Amor: a ocasião é ideal para encarar a sua vida com entusiasmo e otimismo. Trata-se da altura certa para projetar todas as suas habilidades pessoais.

Trabalho: rasgam-se novos horizontes que lhe proporcionam a possibilidade de alcançar a sua realização, mas é necessário que lidere os seus planos.

VIRGEM



Amor: preste atenção às carências do seu par e evite transmitir uma imagem fria ou insensível que nada tem a ver com a sua verdadeira personalidade.

Trabalho: assuma as responsabilidades e concentre a sua força em focos concretos de modo a conseguir tirar o melhor proveito dessa excelente etapa.

BALANÇA



Amor: há uma segurança emocional que lhe permite mostrar os seus dotes criativos, que podem contribuir para o aperfeiçoamento das suas qualidades.

Trabalho: começa uma época oportuna para a materialização de acordos. Podem mesmo surgir soluções inesperadas de pessoas do seu círculo de amizade.

ESCORPIÃO



Amor: preveem-se acontecimentos maravilhosos experienciados no conforto do seu lar. Agora vai conseguir viver em harmonia e num ambiente tranquilo.

Trabalho: vai descobrir que há sua volta existem pessoas que lhe podem ajudar na hora certa. Cabe a si aproveitar os recursos humanos disponíveis.

SAGITÁRIO



Amor: espera-se que serenamente entre num longa temporada de abundância e prosperidade. Certamente cabe a si saber agarrar as dádivas do Universo.

Trabalho: as associações ou grupos podem beneficiar imenso o desenvolvimento das suas tarefas. A constituição de uma sociedade pode ser auspiciosa.

CAPRICÓRNIO



Amor: o seu charme está evidenciado e o seu poder de conquista encontra-se reforçado. Estão reunidas as condições para iniciar um romance excitante.

Trabalho: é provável que tenha de arriscar numa nova atividade completamente diferente da sua área de conforto, mas afaste ansiedades e hesitações.

AQUÁRIO



Amor: O Sol volta a transitar por esse Signo em que o vosso aniversário marca o fim de um prolongado e difícil período de reorganização da sua vida.

Trabalho: pode sentir uma sensação de esgotamento mental. Porém, mantenha a calma porque a tendência é para rapidamente recuperar o seu bem-estar.

PEIXES



Amor: há um amadurecimento espiritual que fomenta a sua harmonia interior. Se não é o seu caso, domine o seu ego e crie uma sintonia com o seu Ser.

Trabalho: as probabilidades de sucesso estão cada vez mais evidentes. É fundamental que canalize a sua fé e a sua criatividade para as suas funções.

OBITUÁRIO

ÁGUA DE PAU

Luiz Manuel Branquinho
Nasceu 04-03-1934
Faleceu 12-02-2023



CABOUÇO

Urbano Ferreira
Nasceu 02-01-1933
Faleceu 18-02-2023



ROSÁRIO

Maria Luísa Coelho de Andrade
Nasceu 20-10-1938
Faleceu 27-01-2023



João Carlos Andrade Silva
Nasceu 10-08-1936
Faleceu 01-02-2023



Germânia Maria de Andrade
Roque Sousa
Nasceu 11-11-1958
Faleceu 15-02-2023



SANTA CRUZ

Filomena Alda da Silva Ferreira Aguiar
Nasceu 21-11-1958
Faleceu 27-01-2023



Maria Odete Martins Aguiar
Nasceu 25-07-1944
Faleceu 30-01-2023



João Alberto da Costa Andrade
Nasceu 15-11-1951
Faleceu 18-02-2023



Maria Angelina Vieira Cabral
Nasceu 29-06-1944
Faleceu 19-02-2023



Agência Funerária Carvalho

Tel.: 296960180

(atendimento 24 horas)

E-mail:

agenciafunerariacarvalho@gmail.com

ASTRÓLOGO
Luís Moniz

CONSULTAS PRESENCIAIS E ON-LINE

✉ rikinho-astro@hotmail.com 🌐 meidoceu-com-sapo-pt.webnode.pt

Propriedade/ Editora
Narrativa Frequente Unipessoal, Lda.

Registo ERC
126473

Sousa Pereira, Roberto Medeiros.

Redação
diariodalagoa@sapo.pt

"Os conteúdos dos artigos de opinião, aqui publicados, são da responsabilidade de quem os assina. Anúncios e parcerias são da responsabilidade dos respetivos anunciantes ou parceiros, salvo erro tipográfico."

NIPC
515752304

Depósito Legal
402139/15

Direção Comercial
João Medeiros

Anúncios
publicidade@diariodalagoa.pt

Capital Social
1.000,00 euros

Fundador
Norberto Silveira Luís

Periodicidade
Mensal

Estatuto Editorial disponível em
diariodalagoa.pt/estatuto-editorial/

Detentores de mais de 5% do capital social e gerência
Clife Botelho (100%)

Diretor
Clife Botelho

Tiragem
1.000 exemplares

Impressão
Coingra - Companhia Gráfica dos Açores, Lda.
Parque Industrial da Ribeira Grande, Lote 33
9600-499 Ribeira Grande
São Miguel, Açores



Governo dos Açores
Esta publicação tem o apoio do PROMEDIA - Programa Regional de Apoio à Comunicação Social Privada

Sede
Rua do Espírito Santo, 6A
9560-079 - Lagoa, Açores

Redação
Clife Botelho (TE 742), Sara Sousa Oliveira (CP 6193).

Sede da editora e redação
Rua do Espírito Santo, 6A
9560-079 - Lagoa, Açores

Telefone
(+351) 910 098 100

Colunistas
Luís Moniz, Maria Chaves Martins, Rita de

Orla costeira da Lagoa © ANA MARGARIDA CARVALHO

São Miguel à vista



Desporto

Equipa feminina da Associação juvenil Clube Operário Desportivo campeã pela terceira vez consecutiva

A 18 de fevereiro a equipa de sub-16 feminina da Associação Juvenil Clube Operário Desportivo (AJCD) sagrou-se campeã de São Miguel pela terceira vez consecutiva.

O jogo do título aconteceu frente ao União Sportiva, onde as lagoenses venceram por nove pontos (45-54).

Em declarações ao Diário da Lagoa, a treinadora Filipa Ponte diz: “foi uma conquista

importante, pois tivemos alguns percalços ao longo desta época, uma jogadora fulcral na nossa equipa lesionou-se num joelho, perdemos outra jogadora que foi jogar para o Algarve, e a equipa não se sentia confiante o suficiente para alcançar este título. No final, por parte das atletas, há todo um sentimento de satisfação por mais um campeonato conquistado e a percepção de que

elas são capazes de alcançar todos os desafios que lhes são propostos”.

Concluído o campeonato de ilha, segue-se a primeira fase do campeonato regional, que vai acontecer na ilha de São Miguel, de 5 a 7 de maio. Segundo a treinadora “sabemos que não será uma tarefa fácil”, mas, diz: “contamos com o apoio dos lagoenses nesta caminhada”. ■ DL



■ Em cima (da esq. para a dir.): Filipa Ponte (treinadora), Isabel Amaral, Inês Pacheco, Laura Bernardo, Laura Lopes, Mariana Melo e Inês Borges (adjunta). Em baixo: Sofia Sousa, Núria Franco, Zora Caetano, Laura Costa e Micaela Silva.

PUB.

CANAL FM **RADIOCANAL FM**

SÃO MIGUEL E SANTA MARIA: **91.0 | 91.5 | 94.5** - TERCEIRA, SÃO JORGE, GRACIOSA E PICO: **100.5** - FAIAL, SÃO JORGE E PICO: **92.7** - GRACIOSA, TERCEIRA E SÃO JORGE: **107.9** - FLORES E CORVO: **104.5**

NOVACIDADE

RNC
RÁDIO NOVA CIDADE
105.5 | 89.1 FM
WWW.RADIONOVACIDADE.PT